



**Experiências do PIBID-História/2009 na Escola Estadual Padre
Rômulo Zanchi: o Potencial Didático do Cinema no Ensino de História e a
discussão acerca da Temática da Identidade, Identificação e o Sistema de
Cotas nas Instituições Públicas**

Aline Martins Linhares*

Isa Cristina Pereira**

Resumo: O presente trabalho vem apresentar o resultado das experiências, fruto das atividades desenvolvidas pelo PIBID-História 2009 da UFSM na Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi, da cidade de Santa Maria- RS. A partir do relato destas ações busca-se apresentar uma discussão teórica- prática que se efetivou a partir da elaboração e análise de três oficinas realizadas: "Ciclo dos Horrores", "Identidade étnica, identificação e manipulação" e "Sistema de Cotas nas Instituições Públicas", tais oficinas totalizaram dez ações desenvolvidas na escola que contemplaram alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Modalidade EJA. Tais ações contribuíram de forma expressiva para que os alunos se constituam enquanto sujeitos críticos, seja para lidar com as ideologias que estão subentendidas nas linguagens cinematográficas e também televisivas como para debater temáticas distintas e se questionar sobre os conceitos pré-concebidos que advém da sociedade.

Palavras-chave: Identidade. Cotas. Cinema.

Abstract: The present text shows the result of experiences of activities developed for PIBID-History 2009 at UFSM at State School Padre Romulo Zanchi, in Santa Maria/RS. since these actions seek for to show a discussion theory-practice that was made from elaboration and analysis of three workshops: "cycle of horrors", "Ethnic identity, identification and manipulation" and "Quota System in Public Institutions", these workshops totaled ten actions developed at school that involves the students of middle and high school and modality EJA. These actions contribute of form expressive for the students became critical subject, for to

* História - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/Bolsista PIBID-CAPES. E-mail:aline_lin@yahoo.com.br

** Professora e diretora da Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi; supervisora do projeto.



deal with ideologies that are implied in cinematographic languages and also on TV as well as discuss different thematic and to quarrel about concepts pre-designed of society.

Key-words: identity.quotas.cinema

Introdução:

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBIB) através do subprojeto História: Os Meandros do Ensino Formal, busca possibilitar aos acadêmicos do curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) um envolvimento com o espaço escolar precedente a prática formal da licenciatura. A proposta do referido subprojeto, tem como base a utilização de oficinas e atividades diferenciadas dentro da dinâmica escolar segundo VIEIRA (2002), com o intuito de problematizar a História e sensibilizar os estudantes para a disciplina.

O presente trabalho irá retratar as experiências de três oficinas: “Ciclo dos Horrores”, “Identidade étnica, identificação e manipulação” e “Sistema de Cotas nas Instituições Públicas”, realizadas na Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi nos anos de 2012 e 2013. As oficinas buscaram suscitar uma reflexão teórica e prática acerca da realidade dos estudantes levando em consideração os conhecimentos empíricos dos mesmos e problematizando outras reflexões sobre seu cotidiano. Afinal, ao trabalharmos com o ensino de História, como futuros professores, constantemente buscamos ferramentas alternativas para o processo de construção de conhecimento em cima de um eixo temático. Esse eixo é composto não apenas do conteúdo histórico em si, mas sim, de um amálgama de áreas específicas de conhecimentos que enriquecem o conteúdo trabalhado.

Oficina: “Ciclo dos Horrores”

O chamado “Ciclo dos Horrores” ocorreu durante o mês de outubro de 2012, na Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi aproveitando-se da cultura do Halloween que vem vagarosamente sendo incorporada na comunidade brasileira, porém, já bastante influente no imaginário do jovem. Organizou-se dessa forma, um ciclo de cinema histórico (aliando cinema e literatura) com duração de três dias, com o intuito de trabalhar a mentalidade da sociedade européia do século XIX baseada em seus temores a partir da exibição de filmes tais como: “Bram Stoker’s Dracula” (1992) e “Mary Shelley’s Frankenstein” (1994) ambos sendo



adaptações dos romances homônimos do século XIX para então serem contextualizados com o filme “28 Days Later” (2002) sobre o medo que povoa o imaginário da nossa sociedade atual.

Foram apresentados inicialmente os filmes “Mary Shelley’s Frankenstein” (1994) e “Bram Stoker’s Dracula” (1992) para introduzir a temática de forma a mostrar um retrato da sociedade do século XIX baseado em seus medos. E na busca da contextualização histórica com a sociedade atual, foi decidido passar o filme “28 Days Later” (2002), que corresponde a uma perspectiva de terror diferenciada para discutir os mesmos eixos.

A partir dos dois primeiros filmes (Drácula e Frankenstein) foi possível trabalhar a mentalidade européia do século XIX buscando debater sobre seus medos, tabus e como eles se inseriram naquela sociedade. As películas como adaptações possuem esse caráter de fidelidade às obras homônimas, de forma que foi possível trabalhar esses tópicos a partir da leitura prévia das obras por parte dos organizadores do ciclo.

Finalizando foi exibido o filme “28 Days Later” (2002) com o intento de fazer a mesma análise sobre nossa sociedade partindo de uma história do tempo presente. A provocação proposta foi mostrar que podemos sim estimular questões que retratem especificamente a nossa realidade atrelada aos conhecimentos históricos. Lançado em 2002 (pouco tempo depois dos atentados as torres gêmeas em Nova York) é uma resposta à paranoia sobre as diversas epidemias que ocorreram no mundo durante o final da década de 1990 e no começo dos anos 2000 com o destaque para as drogas biológicas e uma guerra viral. O filme capta a percepção que está presente no cotidiano das pessoas atualmente: o pessimismo, medo do isolamento, incerteza sobre o futuro da humanidade.

Oficinas: “Identidade étnica, identificação e manipulação” e “Sistema de Cotas nas Instituições Públicas”

Observando a dinâmica e a realidade da comunidade da Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi buscou-se trabalhar com duas temáticas que se complementam e se fazem necessárias compreender: identidade e o sistema de cotas vigente. Estes temas foram selecionados a partir daquilo que se fazia necessário trabalhar e discutir dentro da escola, pois era um assunto latente entre professores, alunos e demais integrantes da comunidade. Assim elaborou-se uma proposta visando oferecer subsídios que promovessem o questionamento sobre a substância da etnicidade para além das referências biológicas.



Com a oficina “Identidade étnica, identificação e manipulação” buscou-se a composição de consciência histórica sobre diversas questões, entre elas de que as comunidades étnicas podem ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços e que se constituem enquanto organização política. A partir disso foram trabalhados conceitos como etnia, raça, grupo étnico, etnicidade, relações interétnicas, identidades étnicas, sinais diacríticos, entre outros, partindo do conhecimento, saberes e percepções dos alunos. Assim foi possível trabalhar de forma bastante produtiva para adentrarmos na segunda temática que girava em torno da análise crítica sobre o sistema de cotas nas Instituições Públicas.

A proposta da oficina “Sistema de Cotas nas Instituições Públicas”, buscou oferecer subsídios que promovessem o questionamento e formação de opinião (sem alusão a juízo de valor), mas instrumentalizar os alunos para que os mesmos se tornem agentes reflexivos que possuem opinião formada e fundamentada.

Assim inicialmente realizaram-se, no ano de 2012, duas oficinas com os dois segundos anos do Ensino Médio da escola, onde a partir do debate, reflexão, exibição de vídeos, documentários e questionários foi possível atender as demandas, em especial dos alunos, já que os mesmos vivenciavam e necessitavam de tais informações e reflexões para suas práticas educacionais futuras. Esta proposta foi bem recebida e assim foi solicitada a continuidade dos trabalhos no ano de 2013 que resultaram em mais quatro oficinas com a mesma temática em três turmas do EJA (modalidade sete, oito e nove) e também uma oficina com a turma do terceiro ano do Ensino Médio que consiste na mesma turma que estava no segundo ano em 2012, assim os mesmos puderam amadurecer e analisar de uma forma mais aprofundada suas posições e opiniões acerca destas temáticas.

Metodologias:

Para a organização e efetivação da oficina “Ciclo dos Horrores” tal proposta baseou-se em conhecimentos voltados para a Didática da História e História do Cinema produzido por autores como: Joaquim Canuto Mendes de Almeida, Jonathas Serrano, Francisco Venâncio Filho, Irene Tavares de Sá, Rosália Duarte, Marcos Napolitano, Alexandre Maccari Ferreira, Oldimar Cardoso e Luis Fernando Cerri.



A escolha do formato como ciclo de cinema foi o resultado de um debate sobre como trabalhar esse conteúdo de forma atraente para o estudante baseado no perfil da escola e do jovem atual. Para escolhermos os filmes resolvemos transmitir produções recentes que estimulassem o estudante para o debate, mas baseados em obras literárias do século XIX, tidos como cânones literários do horror que são capazes de exercer influência até hoje. Trabalhamos além do imaginário humano, retratando diferentes contextos: o da produção do filme, do objeto literário e o cenário que o enredo aborda. Foi priorizada a escolha de filmes mais recentes porque, além de sua estética, geraria uma aproximação com a geração do estudante.

Algumas estratégias foram utilizadas para uma maior integração e interesse dos educandos, entre elas, buscamos uma maior identificação da proposta com a estrutura. Foi realizada, por exemplo, a criação de um painel com imagens de esqueletos para caracterizar o espaço como de Dia das Bruxas, assim como foi feita uma decoração com balões para enfeitar o espaço do galpão da escola (local onde o ciclo se realizou) nas cores laranja, roxo e preto. Os debatedores do ciclo, assim como os bolsistas envolvidos na organização da oficina também se fantasiaram conforme o filme exibido. Muito mais que serem simples alegorias, essa caracterização aproximou os bolsistas do público, possibilitando uma maior abertura para que todos participassem do debate.

Para as oficinas “Identidade étnica, identificação e manipulação” e “Sistema de Cotas nas Instituições Públicas” a metodologia utilizada foi o uso de instrumentos que problematizavam a História e o cotidiano dos estudantes, através do uso de recursos midiáticos que tinham na sua composição o enfoque a cerca da construção identitária. As oficinas foram realizadas com estudantes do Ensino Médio e Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Como material de suporte para as oficinas foram utilizadas imagens, vídeos, músicas e documentários que contemplavam a proposta apresentada, sendo que entre estes estavam produtos midiáticos conhecidos e também aqueles desconhecidos pelos estudantes. A partir destes produtos, também foram discutidas a influência, importância e compreensão a cerca do que é transmitido pelos veículos de comunicação, que permeiam a consolidação da opinião, postura e da própria identidade dos mesmos.

Resultados:



Com relação a oficina “Ciclo dos Horrores” de uma maneira geral percebemos que o público demonstrou resposta positiva participando ativamente das atividades e debates do ciclo. Algumas especificidades foram interessantes, o público era bem variado com relação a faixa etária e professores de diversas disciplinas estiveram presentes. Na exibição do último filme, notamos que havia a presença de muitas crianças, mesmo que essas não fossem obrigadas a estarem nesse espaço no período da noite, onde avaliamos isso como positivo. Consideramos que o trabalho dos Pibidianos foi bem recebido pela comunidade escolar e que a última temática, sendo um tema mais moderno e atual, cativou mais o público jovem.

Com as oficinas “Identidade étnica, identificação e manipulação” e “Sistema de Cotas nas Instituições Públicas” percebeu-se que através da participação, interesse, procura por maiores informações e pelos próprios discursos dos estudantes, que as temáticas contribuíram de forma positiva para a ressignificação e desconstrução de conhecimentos e saberes. Foi possível perceber que se faz necessário discutir tais temáticas dentro do espaço escolar, a partir do entendimento de que a sociedade deve ser mais bem informada para participar ativamente destes debates, sem dogmas e preconceitos, assumindo um papel ativo na construção democrática.

Porém sabemos que a questão avaliativa é muito complexa quando trabalhamos com a metodologia de oficinas, pois não se expõe e impõe um determinado nível de absorção de conhecimento ou valor, mas sim se problematiza e respeita as individualidades de cada um dos participantes envolvidos na própria atividade. O que se busca é debater as temáticas e se questionar sobre os conceitos pré-concebidos que advém da sociedade, questionando padrões vigentes em nosso cotidiano e sua relação histórica com a contemporaneidade.

Discussões e conclusão

Fica perceptível através de atividades como o “Ciclo dos Horrores” que o estudante muitas vezes vê os filmes, mas não está atento ao conteúdo do que está assistindo, principalmente devido ao fato de assisti-los em momentos descontraídos. O lado da aventura e da violência, muitas vezes, é mais atrativo do que a análise do discurso, das ideias e dos debates que também podem ser observados. Atenta-se para a violência somente pelo aspecto da agressão, sem buscar entender a motivação do personagem para agir de tal forma, ou seja, não se observa as entrelinhas da trama. O que se procurou trabalhar é essa percepção no



aluno, para que ele não seja um mero receptor, mas que debata sobre os produtos culturais que consome.

Ensinar a partir do cinema significa, enfim, provocar o olhar do sujeito, estimular seus sentidos com a imagem em movimento; despertar o seu olhar crítico, na perspectiva de que ele possa perceber que aquilo que vê é uma representação de uma dada realidade social, construída ideologicamente por alguém que detém uma determinada visão de mundo. Cabe a escola, particularmente ao professor, um papel importante na construção desse sujeito crítico cujo objetivo deve ser a sua preparação para lidar com as ideologias que estão subentendidas nas linguagens cinematográficas e também televisivas. Em outras palavras, é imprescindível ao indivíduo a capacidade intelectual de realizar a “leitura crítica do mundo” a partir das imagens (cinema, televisão, publicidade etc.), pois elas escondem posturas ideológicas, direcionamentos políticos, valores que devem ser percebidos pelo “leitor”.

Segundo FRANCO (2002), o exercício escolar de ver mensagens audiovisuais e discutir com elas sobre o conteúdo e expressão, o fato de discordar do autor da mensagem com a orientação do professor é o que vai formar e consolidar a leitura crítica dos meios de comunicação e possibilitar uma relação responsável com a informação e o lazer.

Através das oficinas “Identidade étnica, identificação e manipulação” e “Sistema de Cotas nas Instituições Públicas” foi possível retomar aquilo que muitos antropólogos, historiadores e cientistas sociais, a exemplo de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Alfredo Bosi e Renato Ortiz, já se preocuparam em definir e compreender: a cultura brasileira em suas múltiplas dimensões. Todos, a par de suas diferentes posições político-ideológicas, são unânimes em concordar que a característica marcante de nossa cultura é a riqueza de sua diversidade, resultado de nosso processo histórico-social e das dimensões continentais de nossa territorialidade.

Nesse sentido, o mais correto seria falarmos em “culturas brasileiras”, ao invés de “cultura brasileira”, dada a pluralidade étnica que contribuiu para sua formação.

Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. (...) A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória



européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos. (RIBEIRO, 1995,p.20)

Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços e é nesse contexto que se insere a questão relativa à valorização da diversidade étnico-cultural de nossa formação no sistema educacional brasileiro.

Entende-se ser de fundamental importância a discussão da temática “identidade, identificação e o sistema de cotas nas instituições públicas” nos espaços escolares, pois estes são espaços de formação intelectual e identitária dos indivíduos que compõe nossa sociedade e porque contribui na formulação de atitudes e valores essenciais à formação da cidadania de nossos educandos, além de contribuir para o resgate da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se veem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação.

A par de toda valorização às culturas das minorias sociais, muito pouco se fala das etnias na escola brasileira. Só muito recentemente, por pressão dos movimentos sociais, é que a questão da pluralidade cultural vem encontrando certa ressonância no ambiente escolar.

Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua. Por isso, a escola tem que ser local, como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada. (...) Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa sobretudo diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais. (GADOTTI,1992,p.23)

Como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades



constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa delas supõe, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser também provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois descartáveis; elas podem ser então, rejeitadas e abandonadas. Somos desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural.

Tais oficinas também contribuíram significativamente para a desmistificação de preconceitos e estereótipos existentes ainda hoje por grande parte dos indivíduos. Buscou-se mostrar que as diferenças raciais e culturais não devem se constituir enquanto motivo de discriminação social, mas sim em instrumento possibilitador da construção de uma nova identidade nacional, assentada no pluralismo cultural.

Precisamos, pois, propiciar, por meio do ensino em todos os níveis, o conhecimento de nossa diversidade cultural e pluralidade étnica, bem como a necessária informação sobre os bens culturais de nosso rico e multifacetado patrimônio histórico. Só assim estaremos contribuindo para a construção de uma escola plural e cidadã e formando cidadãos brasileiros sensibilizados acerca de seu papel como sujeitos históricos e como agentes de transformação social.

Conclui-se que as experiências através do PIBID são positivas tanto para quem as executa, quanto para a comunidade escolar que as recebe, pois a troca de saberes, conhecimentos e experiências entre Escola- Universidade-Comunidade Escolar, contribui de maneira profícua, na formação dos futuros educadores e na ruptura da construção do conhecimento de maneira unilateral.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. **Cinema contra cinema**: bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil. São Paulo: Editora Limitada, 1931.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 11. ESCOLA Nova, São Paulo, n. 3, jul. 1931 [Dossiê sobre cinema educativo].
- CARDOSO, Oldimar. **Para uma definição de Didática da História**. In: Revista Brasileira de História; vol.28; nº55; São Paulo Jan./Junho 2008.



CERRI, Luis Fernando. **Didática da História**: uma leitura teórica sobre a História na prática. In: *Revista de História Regional* 15(2): 264-278, Inverno, 2010.

CRUZ, M.A. **Alternativas para combater o racismo segundo a pedagogia interétnica**. Salvador: Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1989.

FERREIRA, Alexandre Maccari. **A Propaganda cinematográfica no rumo da história**: imagem, som e poder. In: Anais do IX Encontro Estadual de História – ANPUH-RS, IFCH/UFRGS, Porto Alegre; 2008.

FRANCO, Marília da Silva. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: _____. **Cinema**: uma introdução à produção cinematográfica. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1992, p. 28. (Série: Lições com Cinema, 1).

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 23.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MUNANGA, K. (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: USP; Estação Ciência, 1996.

OLIVEIRA, Priscila Roatt de; RAMOS, Rebeca Paloma (Org.). **Experiências únicas, diálogos abertos**. Práticas do Subprojeto “História e Educação: os meandros do ensino formal”. São Leopoldo: Oikos, 2013.

ORIÁ, R. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações. **Textos de História**, Brasília, DF, v. 4, n. 2, 1996.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p.20.

SERRANO, Jonathas; VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Cinema e educação**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1931.

VIEIRA, Elaine, VALQUIND, Lea. **“Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?”**. 4º ed. EDIPUCRS. Porto Alegre - RS. 2002.

Filmes:

DRÁCULA de Bram Stoker. Direção de Francis Ford Coppola. Culver City – California/EUA. Columbia Pictures, 1992. 1 DVD (128 min), son., color.

EXTERMÍNIO. Direção de Danny Boyle. Buckinghamshire – Inglaterra. 20th Century Fox, 2002. 1 DVD (113 min), son., color

FRANKENSTEIN de Mary Shelley. Direção de Kenneth Branagh. Inglaterra – Reino Unido. Tristar Pictures, 1994. 1 DVD (123 min), son., color.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013